

AMBIENTE URBANO COMO ESPAÇO EDUCATIVO: “Um relato de experiência dando ênfase à escrita e à oralidade através da contação de lendas da região do Baixo Tocantins”.

Françoayse Pinheiro Furtado ¹
Adelmo Viana Wanzeler ²
Marcela Nunes Tavares ³
Marinalva de Nazaré Wanzeler ⁴
Daniela Santos Furtado ⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência da oficina intitulada “Viajando no mundo imaginário da leitura: trabalhando a escrita e a oralidade através da contação de lendas da região do Baixo Tocantins”, realizada na Praça Raimundo Peres (Praça do Titio), Cametá/Pará. A ação foi realizada pelos discentes da turma de Pedagogia 2016 (Extensivo) da UFPA - Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como forma de culminância da disciplina “Oficina de Compreensão e Produção Escrita nos Anos Iniciais”. A partir da qual foram organizadas oficinas com temáticas pré-definidas em sorteio e em sala de aula, a fim de socializar as possibilidades de se trabalhar a produção escrita com alunos dos anos iniciais da Educação Básica.

Destaca-se a importância da oralidade e da escrita através das lendas do Baixo Tocantins por essas estimularem os alunos a investigar sobre a cultura local, abrindo, assim, caminhos para que o professor possa desenvolver atividades e dinâmicas multidisciplinares com este gênero textual. As lendas fazem parte do imaginário popular, constituindo-se em narrativas fantasiosas transmitidas pela tradição oral através dos tempos. De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealis, não são apenas produto da imaginação humana, mas de fazem parte do imaginário popular.

Sendo assim, as lendas são importantes ferramentas para trabalhar inúmeras habilidades, como por exemplo, a oralidade e a escrita, pois levam a criança a se comunicar oralmente, desenvolvendo sua maneira de se expressar, sua atenção e respeito pela fala dos colegas, além do mais, contribui para o processo de aquisição da escrita.

No contexto das tecnologias, em que estão se perdendo o diálogo e as rodas de conversa, faz-se necessário nos indagarmos: O que será do passado de nossa sociedade, se não valorizarmos a oralidade? Como não perder a cultura local de um povo, se não a valorizarmos? São esses os questionamentos que nos levaram a busca de respostas.

O projeto de intervenção didática, elaborado para a oficina, tinha como objetivo geral trabalhar a linguagem escrita e oral dos alunos do 2º ano do ensino fundamental, através da contação de lendas regionais do baixo Tocantins. Explorou-se o imaginário infantil de forma a contribuir em seus processos de ensino e aprendizagem. Assim, os professores precisam desenvolver em seu processo de ensino, na metodologia e nas práticas pedagógicas, situações

¹ Graduanda do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/CUNTINS/Cametá, francys.fp2705@gmail.com;

² Graduando do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/CUNTINS/Cametá, adelmowanz@gmail.com;

³ Graduanda do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/CUNTINS/Cametá, mahtavars2@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/CUNTINS/Cametá, marinalvawanzeler123@gmail.com;

⁵ Professora Orientadora: Mestra em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA), dansantofurtado@gmail.com

que favoreçam a aprendizagem dos alunos. Como, o professor tem papel fundamental nesse processo, ele precisa propor métodos que contribuam para a interação em sala de aula, ou seja, na relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno.

Como objetivos específicos, buscou-se desenvolver a habilidade de leitura e escrita dos alunos, valorizando a cultura do Baixo Tocantins, através da contação de lendas características da região, de modo que levassem os alunos a interpretar as informações orais, despertando sua criatividade e sua busca pelo conhecimento.

A relevância social deu-se no estímulo da leitura e escrita através de lendas fazendo com que os alunos ao mesmo tempo conhecessem e investigassem sua cultura local. Este trabalho possui uma relevância acadêmica e científica devido ser um ponto de partida para estudos mais aprofundados sobre escrita e a oralidade através da contação de lendas da região do baixo Tocantins.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido segundo alguns princípios da pesquisa ação. Nesta investigação, tem-se o pressuposto da ação do professor como pesquisador em sala de aula. Ou seja, se é professor e investigador, ambos papéis ocupados pela mesma pessoa de maneira entrelaçada. Ora como pesquisadora, ora como professora, ora como estudante. Tal metodologia possibilitou a permanente construção coletiva em que os envolvidos tornaram-se investigadores, conduzindo o conteúdo e as propostas metodológicas.

Assim, esse tipo de pesquisa possui base empírica, concebida e realizada com a aproximação da ação com a resolução de uma problemática coletiva, na qual os participantes cooperam e participam da construção do objeto fim que é o pedagógico.

Na busca pela qualidade da ação, buscou-se desenvolver a habilidade de leitura e escrita dos alunos, valorizando a cultura do Baixo Tocantins, através da contação de lendas características da região.

Ensinar ao ar livre enriquece o processo educativo e traz instrumentos para os professores trabalharem em diferentes conteúdos articulados entre si. Da mesma maneira, possibilita a participação de acadêmicos na elaboração de propostas de educação que valorize a cultura local, favorecendo sua formação e sua reflexão dentro da prática educativa.

Desse modo, a produção desse projeto buscou, principalmente, intervir nessa realidade em sala de aula, ou seja, propôs inovação na maneira de como ensinar para que o professor contribua para a aprendizagem dos alunos, haja vista que o processo de ensino-aprendizagem da língua precisa promover a interação entre professor e aluno, e não apenas, ser um processo de ensino aprendizagem da Língua Materna centrada no professor, uma visão tradicional de ensino-aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

Na exposição participaram os alunos da graduação, professores do ensino superior e educação básica, bem como a membros da sociedade que se encontravam presentes no espaço. Ao desenvolver a temática, trabalhou-se com as seguintes atividades: painel de lendas, roleta das lendas, caixinha mágica, trilha das lendas, caça palavras, palavras cruzadas, jogo de sílabas e álbum de figurinhas. Para estas atividades dinâmicas, fez-se o uso das lendas presentes no imaginário regional, a saber: “O lobisomem”, “A mandioca”, “A cobra grande”, “O açai”, “O boto”, “A matinta perera” e “O tatu-açu, a tartaruga gigante e a enorme cobra que derrubam a frente da cidade de Cametá”.

Na interação com o público, houve participação ampla tanto de crianças quanto de adultos. No primeiro contato com nossa exposição, direcionávamos os participantes para o “Painel de lendas” e a partir dele, apresentávamos algumas das lendas com suas curiosidades.

Na dinâmica “Roleta”, o desenvolvimento deu-se de forma lúdica, com intensa participação das crianças, em que o participante poderia ler ou ouvir a lenda sorteada. Percebeu-se que grande parte do público infantil não conhecia as lendas da mandioca, do açaí, da matinta pereira, do tatu-açu. A lenda que o público mais tinha contato e que reconheciam era a do boto.

Na atividade da caixinha mágica, o participante poderia escolher uma das caixas correspondentes a seis lendas. Cada caixa continha espaços laterais, cada espaço informava o nome da lenda, perguntando-se, nos demais espaços, pequenas dúvidas relacionadas à lenda, como: local onde o personagem principal vivia, o que fazia e curiosidades. Estes espaços continham áreas em branco, para as devidas respostas que seriam escritas. As respostas dadas pelos participantes deram-se de forma curta, simples e com a presença de elementos do conteúdo tratado, no caso, das lendas respectivas de cada caixa.

Na “Trilha das lendas”, ocorreu uma significativa participação, a atividade consistia em uma disputa entre dois jogadores, cuja premiação era um álbum de figurinhas de lendas. A disputa dava-se pelos jogos de dados que indicavam as posições dos jogadores, quantas “casas” eles avançariam. Algumas dessas “casas” continham instruções ligadas às lendas que indicavam avanço ou retrocesso do jogador. Venceria o jogador que primeiro alcançasse a “casa” chegada. Ao final, ambos participantes recebiam os álbuns (produzidos manualmente pelos discentes). As entregas dos álbuns, que continham textos sobre as lendas trabalhadas e as orientações do jogo, foram instrumentos para o exercício da prática de leitura.

Na atividade do “Caça-palavras”, as crianças tiveram facilidade em encontrar as palavras, relacionadas às lendas, o que pôde desenvolver a prática de leitura de forma prazerosa. Seguidamente, a cada palavra que se descobria, orientava-se a pintura das letras que compunham as palavras, de forma a aprimorar a coordenação motora fina.

A atividade “Jogo das sílabas”, realizou-se uma dinâmica, na qual se trabalhou com os nomes das lendas, separados em sílabas. Cada ficha, em modo retrato, continha uma sílaba e uma imagem correspondente à lenda que a palavra formada nomearia. Após a formação das palavras, os participantes teriam de lê-las e escrevê-las em um papel. O objetivo desse jogo era facilitar a compreensão do conteúdo “sílabas simples”, bem como ajudar na formação de palavras e no processo de aquisição da leitura pelas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que, desde muito cedo, a criança tem contato com uma diversidade de gêneros (orais e escritos), os quais nem ela mesma sabe que os utiliza antes mesmo de se apropriar do código escrito na escola. Ela ouve conversa de diferentes pessoas, assiste aos telejornais, visualiza outdoors, escreve cartinhas, ajuda sua mãe fazer a lista de compra, a ler receitas culinárias, enfim, não se dá conta que o tempo todo está em contato com os mais variados gêneros textuais, e sabe articulá-los muito bem, fazendo narrações de fatos, descrevendo objetos ou defendendo seu ponto de vista.

Constata-se, então, que o aluno, ao ir à escola, já tem conhecimento sobre a língua utilizada em suas interações cotidianas. Logo, o processo de ensino-aprendizagem pode acontecer a partir desses conhecimentos, do entrecruzamento que a criança faz entre o que já sabe e o que lhe está sendo ensinado. Cada aluno constrói sua teia de relações do que já foi aprendido com o seu contexto e, gradativamente, com a elaboração de conceitos. Essa elaboração lhe proporciona saber “como” e “o que é gênero”, e lhe possibilita a utilizar estes gêneros, os quais fazem cada vez mais parte do cotidiano do aluno, uma vez que os gêneros

textuais, como diz Dionísio, Machado e Bezerra (2005, p.19), são: “[...] são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”.

Neste sentido, faz-se necessário a escola trabalhar conceitos com gêneros orais e escritos em sala de aula, pois o desenvolvimento destes gêneros é algo que irá proporcionar um meio para que os alunos progridam em seus estudos posteriores, de maneira rápida, já que a universidade exige alunos desinibidos e que consigam se comunicar adequadamente em situações mais formais, como em seminários e palestras; alunos capazes de argumentar oralmente para defender seus projetos e suas pesquisas.

O ensino de gêneros orais colabora também para o desenvolvimento da criatividade, a qual é tão importante no mercado de trabalho. O gênero conto é uma ótima opção para desinibir os alunos. Nesse sentido, pode ser desenvolvido desde os anos iniciais, mesmo que sejam atividades simples, como por exemplo, o professor pode trabalhar lendas regionais, causos e/ou superstições. Uma sugestão é que o professor solicite aos alunos de anos iniciais do ensino fundamental que recontem histórias ouvidas dos pais, tios, avós e etc., para que assim desenvolvem as capacidades dos alunos em organizar melhor os seus pensamentos.

O trabalho que envolve o ensino-aprendizagem da linguagem escrita e oral em sala de aula deve ser tomado pelo professor como algo que venha produzir no aluno a capacidade comunicativa, ou seja, a capacidade do aluno em usar de maneira adequada a língua em várias situações de interação. Esse desenvolvimento da capacidade do aluno em adquirir habilidades linguísticas é feito de modo que o aluno tenha autonomia para poder se expressar nas diversas situações de forma adequada. É por meio desse suporte teórico da Língua Materna que se fez a realização de um projeto de intervenção didático, tendo em vista a aprendizagem pelo aluno das habilidades e competências linguísticas e comunicativas.

Para que houvesse de forma satisfatória a compreensão e utilização pelo aluno da Língua Materna fez a utilização do gênero textual: conto, por meio de lendas regionais. Desse modo, foi realizado o trabalho da leitura e também foi feito o trabalho com a escrita com os alunos. Tendo como principal meta a capacidade do aluno em se comunicar de forma adequada, utilizando as diversas formas e variedades linguísticas, provenientes dos diversos gêneros textuais, dando ênfase no conto (lendas regionais) na aplicação desse projeto de intervenção didático.

Para Travaglia (2003), além do ensino da Língua Materna desenvolver a capacidade comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), a competência comunicativa também está ligada a outras duas competências: a gramatical ou linguística e a textual. A competência gramatical ou linguística é a capacidade de determinado usuário na língua, em construir sequências que estejam ligadas a linguística gramatical, ou seja, tidas como sequências próprias e que fazem parte da língua em uso. Esse tipo de competência é caracterizado por Chomsky como “criatividade linguística”, que é a habilidade, de acordo com as regras da língua, de produzir um número ilimitado de frases gramaticais.

A competência textual está ligada à habilidade de em situações de interação comunicativa, produzir e também de compreender diferentes textos que são bem formados usando as capacidades textuais, que segundo Charolles (1997), é a capacidade formativa que dar ao usuário da língua em produzir e compreender vários textos e avaliar a má ou boa formação do texto, a capacidade transformativa que propõem ao usuário da língua modificar em diferentes formas (reformular, parafrasear, resumir, etc.) e também avaliar se essa modificação é realmente adequada ao texto que foi modificado, e por último, é a capacidade qualificativa que dá condições ao usuário da língua determinar a que tipologia textual pertence determinado texto.

Utilizando textos relacionados às lendas regionais do baixo Tocantins, proporcionou-se uma metodologia de ensino, que teve como principal interesse, despertar no aluno novas

habilidades linguísticas e, também, novos conhecimentos, relacionados com o uso da sua Língua Materna. Promoveu-se, assim, condições para que o aluno de forma eficiente e adequada adquirisse os conhecimentos linguísticos. Isso não significou desprezar ou alterar padrões e conhecimentos já adquiridos, mas aumentar de forma significativa as habilidades para se fazer uso de forma adequada.

Sendo assim, foi importante que se tivesse em sala de aula, um ensino da Língua Portuguesa voltado para essa questão em discussão, ou seja, comprometido com a produção de novas habilidades linguísticas no aluno, através de textos que proporcionassem ao usuário da língua um uso adequado.

Fizemos uso de textos dando ênfase nas lendas regionais do baixo Tocantins para que fosse trabalhado com os alunos tanto a leitura como a escrita, para a o desenvolvimento das habilidades linguísticas e também das competências comunicativas. Pois, trabalhar as lendas no contexto escolar seria permitir o encontro com a imaginação, com diferentes saberes, e com a própria cultura, ampliando para a diversidade de conhecimentos e outras culturas que estão presente no contexto brasileiro.

Diante disso, a escola enquanto produtora e reprodutora do conhecimento, não pode deixar de valorizar a cultura, valores, costumes de um povo, buscando garantir as tradições das outras gerações. As lendas regionais fazem parte da nossa cultura, e possui características capazes de contribuir para o ensino e aprendizagem da diversidade cultural do povo brasileiro. Machado (1994, p. 97) diz:

A lenda apresenta uma relação direta com o momento histórico do povo que a cria. Nesse sentido, as lendas nos fornecem um caminho simples para os fatos culturais de uma civilização. Com isso passamos a conhecer os mecanismos da variação cultural e, principalmente, o modo de pensar de cada povo, num dado momento de seu desenvolvimento histórico.

Na citação acima, o autor deixa evidente a importância de levar as lendas para o ambiente escolar, pois, além de valorizar a cultura enriquece o conhecimento dos alunos fazendo com que os mesmos sintam interesse pela leitura e escrita, tornando-os um hábito cada vez mais prazeroso, aguçando suas curiosidades elevando o seu grau criativo, imaginário de inventar e também de reinventar como seres humanos cada vez mais humanizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da oficina deu-se com atividades pensadas para o público-alvo do 2º ano do ensino fundamental. Na exposição, por tratar-se de um local público, deu-se a participação de diferentes pessoas, em níveis de idade e escolaridades diferenciados.

A participação do público infantil possibilitou desenvolver e melhor avaliar nossa oficina, de forma que se pôde compreender as atividades como excelentes meios para o trabalho e facilitação no processo de ensino-aprendizagem do gênero textual “lendas”, já que numa abordagem interacional, a participação do aprendiz nas mais diversas situações de ensino significa que está ocorrendo a construção do conhecimento. Percebeu-se a construção de conhecimento através das falas das crianças que participaram das atividades, como: “Nossa!? Eu não sabia dessa história!”, “Não conhecia ainda essa lenda!”, “Ah!? É por isso que o cais da cidade não para de cair?”, dentre outras.

Segundo Pereira (2000), numa perspectiva interacional de ensino-aprendizagem, a interação que acontece em sala de aula, ou seja, a participação do aluno de modo satisfatório para a elaboração tem como principal objetivo o desenvolvimento de habilidades linguísticas e competências comunicativas. Dessa maneira, no ensino voltado para a participação e cooperação do aluno na resolução de situações, envolvendo determinado tipo de problema, as

aulas serão participativas e os alunos poderão assim opinar e compartilhar diversas situações do seu cotidiano.

Palavras-chave: Relato de experiência, Oficina, Leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. *In:* GALVES, C.; ORLANDI, P. E.; OTONI, P. (Orgs.). **O texto: leitura e escrita.** 2ª ed. Campinas; Pontes, 1997.

DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e ensino.** 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MACHADO, Irene A. **Literatura e Redação.** São Paulo: Scipione, 1994.

PEREIRA, Ana Dilma de Almeida et al. A problemática da intervenção no ensino-aprendizagem da língua materna. *In:* CUNHA, José Carlos Chaves da; CUNHA, Myriam Crestian (Org.). **Pragmática linguística e ensino-aprendizagem do português: reflexão e ação.** Belém-PA: Ufpa, 2000. Cap. 3. p. 55-66.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.